

# Michel Houellebecq

## O mapa e o território

ALFAGUARA



*«Está o mundo farto de mim*

*Qual eu o estou dele.»*

CHARLES D'ORLÉANS

Jeff Koons acabava de se levantar do seu lugar, de braços estendidos para a frente num impulso de entusiasmo. Sentado diante dele num sofá de cabedal branco parcialmente coberto de panos de seda, um pouco encolhido, Damien Hirst parecia prestes a soltar uma objecção; tinha um rosto rubicundo, melancólico. Estavam ambos vestidos de preto – o fato de Koons tinha riscas estreitas –, com camisa branca e gravata preta. Entre os dois homens, numa mesa baixa, havia um cesto de frutas cristalizadas a que nem um nem outro prestavam qualquer atenção; Hirst estava bebendo uma *Budweiser Light*.

Atrás deles, um vão envidraçado dava para uma paisagem de prédios altos que compunham um enredado babilónico de gigantescos polígonos até aos confins do horizonte; a noite estava luminosa, o ar de uma limpidez absoluta. Dir-se-ia que se estava no Qatar ou no Dubai; na verdade, a decoração da sala inspirava-se numa fotografia publicitária do hotel Emirates de Abu Dhabi, retirada de uma publicação de luxo alemã.

A testa de Jeff Koons estava ligeiramente luzidia; Jed esbateu-a com o esfuminho e recuou três passos. Decididamente, havia um problema com Koons. No fundo, Hirst era fácil de apanhar: era possível fazê-lo brutal, cínico, do tipo «cago-me para vocês do alto da minha grana»; ou podia-se torná-lo *artista revoltado* (sem deixar de ser rico), autor de uma *obra angustiada acerca da morte*;

enfim, a sua cara tinha algo de sanguíneo e de pesado, tipicamente inglês, que o aproximava de um vulgar adepto do Arsenal. Havia ali, em suma, aspectos diversos, mas que se podiam combinar no retrato coerente, representativo, de um artista britânico típico da sua geração. Ao passo que Koons parecia ter em si algo de dúbio, uma espécie de contradição insuperável entre a velhacaria vulgar do técnico de vendas e a exaltação do asceta. Havia já três semanas que Jed retocava a expressão de Koons a levantar-se do seu lugar, com os braços estendidos para a frente num impulso de entusiasmo como se tentasse convencer Hirst; mas era tão difícil como pintar um pornógrafo mórmon.

Possuía fotografias de Koons sozinho, ou na companhia de Roman Abramovitch, Madonna, Barack Obama, Bono, Warren Buffett, Bill Gates... Mas nenhuma conseguia exprimir fosse o que fosse da personalidade de Koons, era exasperante, nenhuma ia além daquela aparência de vendedor de descapotáveis *Chevrolet* que ele escolhera ostentar diante do mundo. Aliás, havia muito que os fotógrafos exasperavam Jed, em especial os *grandes fotógrafos*, com aquela sua pretensão de revelar nas suas fotos a *verdade* dos seus modelos; não revelavam coisíssima nenhuma, limitavam-se a colocar à nossa frente e a pôr em movimento o motor da máquina para fazer centenas de fotografias ao acaso, soltando cacarejos, e mais tarde escolhiam as menos más da série – era assim que procediam, sem excepção, todos aqueles chamados *grandes fotógrafos*; Jed conhecia alguns pessoalmente e não sentia por eles mais que desprezo, considerava-os a todos, assim como eram, mais ou menos tão pouco criativos como um Photomaton.

\*

Na cozinha, alguns passos atrás de si, a caldeira de aquecimento emitiu uma sucessão de estalidos secos. Imobilizou-se, rígido. Estava-se já a 15 de Dezembro.

Um ano antes, mais ou menos na mesma data, a caldeira tinha emitido a mesma sucessão de estalidos, e depois deixara completamente de funcionar. Em algumas horas, a temperatura no estúdio descera para 3 graus centígrados. Ele conseguira dormir um pouco, ou melhor, dormir por breves períodos. Por volta das seis da manhã utilizara os últimos litros do balão de água quente para fazer uma *toilette* sumária, e depois preparara um café enquanto esperava pelo empregado da Canalização Universal – tinham prometido mandar alguém logo ao princípio da manhã.

No seu *site* da *web*, a Canalização Universal propunha-se «fazer entrar a canalização no terceiro milénio»; bem podiam começar por chegar a horas para as reparações, resmungou Jed por volta das onze horas, andando de um lado para o outro sem conseguir aquecer-se no estúdio. Estava então a trabalhar num quadro do pai, a que iria dar o título de «O Arquitecto Jean-Pierre Martin Abandonando a Direcção da Sua Empresa»; inevitavelmente, a descida da temperatura ia retardar a secagem da última camada. Aceitara, como todos os anos, ir jantar com o pai na noite de Natal, dali a duas semanas, e esperava terminar o quadro antes; sem a rápida intervenção de um canalizador o projecto arriscava-se a ficar comprometido. A bem dizer, em termos absolutos isso não tinha qualquer importância, pois não tinha a intenção de oferecer

o quadro ao pai, queria simplesmente *mostrar-lho*; porque é que de repente dava tanta importância ao assunto? Decididamente, estava de nervos em franja naquela altura, trabalhava de mais, começara seis quadros ao mesmo tempo, já não parava há meses, que falta de senso.

Pelas três da tarde decidiu telefonar outra vez para a Canalização Universal; dava constantemente sinal de ocupado. Conseguiu apanhá-los pouco depois das cinco; a empregada do serviço de clientes invocou um acréscimo de trabalho excepcional devido à chegada dos grandes frios, mas prometeu a visita de alguém para o dia seguinte de manhã, sem falta. Jed desligou e a seguir reservou um quarto no hotel Mercure do boulevard Auguste-Blanqui.

No dia seguinte esperou de novo durante todo o dia a chegada da Canalização Universal, e também a da Somos Canalizadores, para onde conseguira ligar entretanto. A Somos Canalizadores prometia respeitar as tradições artesanais da «alta canalização», mas também não se mostrava capaz de cumprir uma marcação.

No quadro que dele fizera, o pai de Jed, de pé num estrado no meio do grupo dos cerca de cinquenta empregados que a sua empresa contava, erguia o seu copo com um sorriso doloroso. O copo de despedida tinha lugar no *open space* do seu gabinete de arquitectura, uma grande sala de paredes brancas, com trinta metros por vinte, iluminada por uma superfície envidraçada, onde alternavam os postos de concepção informática e os cavaletes onde estavam colocadas as maquetas a três dimensões dos projectos em curso. A maior parte da assistência era composta por jovens com um físico de *nerds* – os que concebiam em 3D. De pé junto ao estrado, três arquitectos com cerca de quarenta anos rodeavam o pai. Em conformidade com uma configuração



que fora buscar a uma tela menor de Lorenzo Lotto, cada um deles evitava o olhar dos outros dois, sem deixarem de tentar captar o olhar do pai; percebia-se imediatamente que cada um deles tinha a esperança de lhe suceder à testa da empresa. O olhar do pai, fito um pouco acima da assistência, exprimia o desejo de reunir pela última vez a sua equipa à sua volta, uma razoável confiança no futuro, mas sobretudo uma tristeza absoluta. Tristeza por deixar a empresa que fundara, à qual dera o melhor das suas forças, tristeza do inelutável: era mais que evidente que se tratava de um homem acabado.

A meio da tarde Jed tentou em vão, uma dezena de vezes, ligação para a Canalizarte, que utilizava *Skyrock* como música de espera, ao passo que a Somos Canalizadores optara por *Risos e Canções*.

Por volta das cinco foi para o hotel Mercure. Caía a noite sobre o boulevard Auguste-Bianqui; uns escuteiros tinham feito uma fogueira na alameda lateral.

Os dias seguintes passaram-se mais ou menos da mesma maneira, a marcar números de empresas de canalização, a ser redireccionado quase instantaneamente para uma música de espera e a aguardar, num frio cada vez mais glacial, junto do seu quadro que não queria secar.

Surgiu uma solução na manhã de 24 de Dezembro, na pessoa de um artesão croata que morava ali muito perto, na avenue Stephen-Pichon – Jed reparara por acaso na placa ao regressar do hotel Mercure. Estava disponível, sim, imediatamente. Era um homem de baixa estatura e cabelo preto, pálido de pele, com feições harmoniosas e finas e um bigodinho muito *Belle Époque*; a verdade é que se parecia um pouco com Jed, tirando o bigode.

Mal entrou no apartamento examinou demoradamente a caldeira, desmontando o painel de comando



e seguindo com os seus dedos finos o complexo percurso das canalizações. Falou de válvulas e de sifões. Dava a impressão de saber muito da vida em geral.

Depois de um exame de um quarto de hora, o seu diagnóstico foi o seguinte: sim, podia fazer o conserto, estava em condições de proceder a uma espécie de *reparação*, era coisa para cinquenta euros, não mais. Mas não seria uma autêntica reparação, na realidade iria tratar-se de um simples arranjo, o que podia resolver a questão por alguns meses, ou mesmo alguns anos na melhor das hipóteses, e recusava-se por isso a garantir a longo prazo; em suma, parecia-lhe imoral apostar no futuro daquela caldeira a longo prazo.

Jed suspirou; reconheceu que já estava um pouco à espera daquilo. Lembrava-se muito bem do dia em que, nove anos antes, decidira comprar aquele apartamento; estava a ver o agente imobiliário, atarracado e satisfeito, elogiando a luz excepcional, sem esconder a necessidade de algumas «modernizações». Pensara naquela altura que devia ter sido agente imobiliário, ou ginecologista.

Apenas caloroso nos primeiros minutos, o rechonchudo agente imobiliário foi possuído de um verdadeiro transe lírico quando soube que Jed era artista. Era a primeira vez, exclamou ele, que tinha ocasião de vender um *estúdio de artista* a um *artista*! Jed receou por instantes que ele se proclamasse solidário dos artistas autênticos contra os *bobôs* (os «burgueses-boémios») e outros beócios da mesma espécie, que faziam subir os preços, vedando assim aos artistas os estúdios de artistas, e que é que se há-de fazer, é claro que não posso ir contra a verdade do mercado, não é esse o meu papel, mas felizmente isso não aconteceu, o agente imobiliário atarracado limitou-se a conceder-lhe uma bonificação de 10% – com que

provavelmente já previra concordar depois de uma mininegociação.

O «estúdio de artista», em boa verdade, era um sótão com um vão envidraçado, realmente um belo painel de vidro, e umas obscuras dependências, que mal bastavam a alguém como Jed, que tinha necessidades higiénicas limitadas. Mas efectivamente a vista era esplêndida: estendia-se para além da place des Alpes até ao boulevard Vincent-Auriol, ao metro aéreo, e, mais adiante, até às fortalezas quadrangulares construídas em meados dos anos 70 em contradição absoluta com o conjunto da paisagem estética parisiense, e que eram, de longe, o que Jed preferia em Paris do ponto de vista arquitectónico.

O croata efectuou a reparação e embolsou os cinquenta euros. Não apresentou qualquer factura a Jed, que aliás não estava à espera dela. Saiu, e tinha acabado de fechar a porta quando tornou a bater com pancadinhas secas. Jed entreabriu a porta.

– Pois é, meu caro senhor – disse o homem. – Feliz Natal. Queria desejar-lhe um Feliz Natal.

– Ah, sim, é verdade – disse Jed, embaraçado. – Feliz Natal para si também.

Foi então que tomou consciência do problema do táxi. Como já esperava, a AToute recusou-se terminantemente a levá-lo ao Raincy, e a Speedtax aceitou, quando muito, levá-lo até à estação, mais exactamente até à *mairie*, mas de modo algum às proximidades da *cité* des Cigales. «Razões de segurança, meu caro senhor...», sussurrou o empregado com uma leve censura. «Nós só servimos as zonas perfeitamente seguras», indicou por seu lado o recepcionista dos Transportes Fernand Garcin num tom de cortês compunção. Ia-se sentindo progressivamente

culpado por querer passar a noite de Natal numa zona tão imprópria como a *cit  des Cigales* e, como todos os anos, começou a irritar-se contra o pai, que se recusava obstinadamente a sair daquela casa burguesa, rodeada de um vasto parque, que os movimentos populacionais haviam progressivamente relegado para o centro de uma zona cada vez mais perigosa, a bem dizer nos últimos tempos completamente controlada pelos gangues.

Primeiro tinha sido preciso reforçar o muro da cerca, aplicar-lhe por cima um gradeamento electrificado, instalar um sistema de videovigilância ligado   polícia, tudo isso para que o pai pudesse vaguear solitariamente por doze divisões impossíveis de aquecer e aonde nunca ninguém ia, com excep o de Jed nas noites de Natal. Havia muito que as lojas das proximidades tinham desaparecido, e era impossível sair a p  pelas ruas vizinhas – e as agressões, até contra carros, não eram raras nos sinais vermelhos dos semáforos. A *mairie* do Raincy tinha-lhe concedido uma auxiliar de serviços domésticos – uma senegalesa rabugenta e mesmo m , chamada Fatty, que o tomara de ponta desde os primeiros dias, que se recusava a mudar os len ois mais que uma vez por mês e que muito provavelmente o roubava nas compras.

A temperatura, fosse l  como fosse, ia aumentando lentamente na sala. Jed tirou uma foto do quadro em que estava a trabalhar – era pelo menos qualquer coisa que teria para mostrar ao pai. Despiu as calças e a camisola, sentou-se de pernas cruzadas no estreito col o estendido no soalho e que lhe servia de cama, embrulhou-se num cobertor. Progressivamente, foi retardando o ritmo da respira o. Visualizou ondas a rolar lentamente, preguiosamente, sob um crepúsculo pesado. Tentou conduzir

o seu espírito para uma zona de calma; esforçou-se o mais possível por preparar o espírito para aquela nova consoada na companhia do pai.

Esta preparação mental produziu frutos, e o serão foi uma zona de tempo neutra, e até semiconvivial; havia muito que não esperava mais que isso.

No dia seguinte de manhã, por volta das sete, supondo que os gangues tinham tido também a sua noite de Natal, Jed foi a pé até à estação do Raincy e voltou sem dificuldade para a estação do Leste.

Passara um ano e a reparação tinha-se aguentado; aquela era a primeira vez que a caldeira dava um sinal de fraqueza. «O Arquitecto Jean-Pierre Martin Abandonando a Direcção da Sua Empresa» estava terminado havia muito, arrumado na reserva do galerista de Jed, à espera de uma exposição individual cuja organização tardava. O próprio Jean-Pierre Martin – para surpresa do filho, e quando desde há muito renunciara a falar-lhe do assunto – decidira sair do pavilhão do Raincy para se instalar num lar de terceira idade com assistência médica em Boulogne. A sua comum refeição anual teria lugar desta vez numa cervejaria da avenida Bosquet chamada Chez Papa. Jed escolhera-a no *Pariscope* fazendo fé num anúncio publicitário que prometia uma qualidade tradicional, *à antiga*, e, de um modo geral, a promessa estava cumprida. Pais Natal e abetos engrinaldados espalhavam-se pela sala meio vazia, essencialmente ocupada por pequenos grupos de pessoas de idade, ou até muito idosas, que mastigavam com empenho, com consciência e quase com ferocidade pratos de cozinha tradicional. Havia javali, leitão, peru; à sobremesa, naturalmente, o estabelecimento, cujos criados cortesões, humildes, operavam em silêncio, como num serviço de grandes queimados, propunha um «tronco doce *à antiga*». Jed percebia perfeitamente que era um pouco estúpido da sua parte oferecer uma refeição daquelas ao pai. Aquele homem seco, grave, de cara comprida e austera, parecia

nunca se ter interessado pelos prazeres da mesa, e das raras vezes que Jed comera fora com ele, quando tivera necessidade de o ver perto do seu local de trabalho, o pai escolhera um restaurante de *sushi* – sempre o mesmo. Era patético e inútil querer estabelecer um convívio gastronómico que já não tinha razão de ser, que provavelmente nem sequer a tivera nunca – a mulher, quando era viva, sempre detestara cozinhar. Mas era Natal, e como é que havia de ser, a não ser assim? Indiferente ao modo de vestir, o pai lia cada vez menos, e ao que parecia já não se interessava por quase nada. Segundo a directora do lar, estava «razoavelmente integrado», o que provavelmente queria dizer que não dirigia a palavra a quase ninguém. Para já, mastigava laboriosamente o seu leitão, quase com a mesma expressão com que mastigaria um bloco de borracha; nada indicava que desejasse quebrar um silêncio que se prolongava, e Jed, febril (não devia ter bebido *Gewurztraminer* com as ostras, percebera isso no mesmo instante em que o pedira, o vinho branco baralhava-lhe sempre as ideias), procurava freneticamente qualquer coisa que pudesse aparentar-se com um tema de conversa. Se fosse casado, se ao menos tivesse uma amiga, *enfim, uma mulher qualquer*, as coisas ter-se-iam passado de um modo muito diferente – a verdade é que as mulheres sabem safar-se melhor que os homens nestas histórias de família, é um pouco a sua primeira especialidade, mesmo quando não há filhos reais, eles lá estão, a título potencial, no horizonte da conversa, e os velhos, como é sabido, interessam-se pelos seus netos, relacionam isso com os ciclos da Natureza ou com qualquer coisa, *enfim*, há uma espécie de emoção que consegue nascer-lhes nas velhas cabeças, o filho é sem dúvida a morte do pai mas para o avô o neto é uma espécie de renascimento ou de vingança, e isso pode bastar amplamente, pelo menos

no espaço de um jantar de Natal. Jed pensava às vezes que devia contratar uma *escort* para aqueles serões de Natal, construir uma minificção, bastaria fazer um *briefing* à rapariga duas horas antes, o pai não tinha grande curiosidade pelos pormenores da vida dos outros, exactamente como os homens em geral.

Nos países latinos a política pode satisfazer as necessidades de conversa dos machos de meia-idade ou mais velhos; nas classes inferiores é por vezes substituída pelo desporto. Nas pessoas muito influenciadas pelos valores anglo-saxónicos, o papel da política é sobretudo desempenhado pela economia e pelas finanças; a literatura pode servir de tema complementar. Neste caso, nem Jed nem o pai se interessavam verdadeiramente pela economia, e pela política também não. Jean-Pierre Martin aprovava de uma maneira geral o modo como o país era dirigido, e o filho não tinha opinião; entre uma coisa e outra, passando em revista ministério a ministério, isso permitiu-lhes ocupar o tempo até ao carrinho dos queijos.

Nos queijos o pai de Jed animou-se um pouco, e interrogou o filho acerca dos seus projectos artísticos. Infelizmente desta vez era Jed que ameaçava estragar o ambiente, porque decididamente já não sentia o seu último quadro, «Damien Hirst e Jeff Koons Partilhando Entre si o Mercado da Arte», que estava a marcar passo; havia uma espécie de força que o aguentava desde há um ano ou dois e que se ia esgotando, se ia esboroando – mas de que servia contar tudo aquilo ao pai, ele não podia fazer nada, nem, aliás, ninguém podia fazer nada, diante de uma confiança daquelas as pessoas só podiam entristecer-se ligeiramente, a verdade é que isto das relações humanas não é grande coisa.

– Estou a preparar uma exposição individual para a Primavera – acabou ele por anunciar. – Enfim, o projecto



está a arrastar-se um bocado. O Franz, o meu galerista, queria um escritor para o catálogo. Pensou no Houellebecq.

– No Michel Houellebecq?

– Tu conhece-lo? – perguntou Jed, admirado. Nunca teria suspeitado de que o pai pudesse ainda interessar-se por uma produção cultural qualquer.

– Há uma pequena biblioteca no lar; li dois romances dele. Acho que é um bom autor. É de leitura agradável, e tem uma visão bastante correcta da sociedade. Ele respondeu-te?

– Não, ainda não...

Agora Jed estava a reflectir a toda a velocidade. Se até mesmo alguém tão profundamente paralisado numa rotina desesperada e mortal, se alguém como o seu pai, tão profundamente embrenhado na escuridão, na alameda das Sombras da Morte, havia reparado na existência de Houellebecq, então era porque decididamente aquele autor tinha qualquer coisa. E deu-se conta de que se desleixara de tornar a contactar Houellebecq por *email*, como o Franz já várias vezes lhe havia pedido. E no entanto havia pressa. Tendo em conta as datas da Art Basel e da Frieze Art Fair, tinha de organizar a exposição em Abril, o mais tardar em Maio, e dificilmente se podia pedir a Houellebecq que escrevesse em quinze dias um texto para um catálogo, era um autor célebre, mundialmente célebre até, pelo menos na opinião do Franz.

A excitação do pai declinara, ia mastigando devagar o seu *saint-nectaire* com tão pouco entusiasmo como mastigara o leitão. É certamente por compaixão que atribuímos às pessoas de idade uma lambarice particularmente viva, porque queremos convencer-nos de que ao menos ainda lhes resta isso, quando na maioria dos casos os prazeres gustativos se extinguem irremediavelmente,

tal como tudo o resto. Ficam os distúrbios digestivos e o cancro da próstata.

A alguns metros à esquerda estavam três mulheres octogenárias que pareciam meditar sobre as suas saladas de frutas – talvez em homenagem aos defuntos maridos. Uma delas estendeu a mão para a sua taça de champanhe mas a mão tornou a cair-lhe na mesa; o peito arfava-lhe com o esforço. Passados alguns segundos repetiu a tentativa, a mão tremia-lhe horrivelmente, tinha o rosto crispado de concentração. Jed continha-se para não intervir, estava longe de estar em posição de intervir. O próprio criado, postado a alguns metros de distância, vigiava a operação com um olhar inquieto, já não se achava em posição de intervir; aquela mulher estava agora em contacto directo com Deus. Provavelmente estava mais perto dos noventa que dos oitenta.

Para que tudo se cumprisse, chegou a vez das sobremesas. Resignadamente, o pai de Jed atacou o seu «tronco doce» tradicional. Havia já muito tempo que não comia aquilo. Era estranho como o tempo passava entre eles: embora nada fosse dito, embora o silêncio agora demoradamente instalado à mesa pudesse dar a sensação de uma lentidão total, parecia que os segundos, e mesmo os minutos, decorriam com fulminante rapidez. Meia hora depois, sem que uma ideia sequer lhe tivesse passado pela cabeça, Jed acompanhou o pai até à praça de táxis. Eram só dez da noite, mas Jed sabia que os outros hóspedes do lar já achavam que o pai era um privilegiado por ter tido alguém durante algumas horas no Natal. «Você tem um bom filho...», era o que já várias vezes lhe tinham feito notar. Mal entra no lar de terceira idade com assistência médica, o antigo veterano – que de um modo enfim irrefutável se torna um *velho* – acha-se um pouco

na posição de um aluno de colégio interno. Às vezes tem visitas, e é uma felicidade, porque pode contactar com o mundo, comer *Maltesers* e tornar a ver o palhaço Roland McDonald. Mas a maioria das vezes não as tem: e então vagueia tristemente, por entre os postes do andebol, no chão betuminoso do internato deserto. Espera a libertação, espera levantar voo.

No regresso ao estúdio, Jed verificou que a caldeira continuava a funcionar, a temperatura era normal, e até quente. Despiu-se parcialmente, estendeu-se no seu colchão e adormeceu logo, com o cérebro completamente vazio.

Acordou sobressaltado a meio da noite: o despertador marcava 4 horas e 43. A temperatura na sala era quente, quase sufocante. Fora o ruído da caldeira que o acordara, mas não eram os estalidos do costume – desta vez a máquina emitia um ronco prolongado, grave, quase infra-sónico. Abriu num repente a janela da cozinha, cujas vidraças estavam cobertas de geada. O ar glacial precipitou-se para a sala. Seis andares mais abaixo, uns grunhidos porcinos perturbaram a noite de Natal. Tornou logo a fechar a janela. O mais provável era que uns mendigos quaisquer se tivessem introduzido no pátio; no dia seguinte iriam beneficiar dos restos da noite amontoados nos caixotes do lixo do prédio. Nenhum dos inquilinos se atreveria a chamar a polícia para se livrar deles – num dia de Natal nunca. Era geralmente a inquilina do primeiro andar que acabava por se encarregar disso – uma mulher de uns sessenta anos, de cabelo pintado de *henné*, que usava camisolas de *patchwork* de cores vivas, e que Jed supunha ser uma psicanalista reformada. Mas não a vira nos últimos dias, o mais provável era que estivesse de férias – se é que não morrera de repente. Os vadios iam ficar vários dias, o cheiro das suas necessidades iria encher o pátio, não deixando abrir as janelas. Mostravam-se cortesões, e até obsequiosos, com os inquilinos, mas as rixas entre eles eram ferozes, e geralmente as coisas acabavam com uns uivos de agonia subindo pela noite; alguém chamava

os paramédicos e iam encontrar um tipo banhado em sangue com uma orelha meio arrancada.

Jed aproximou-se do aparelho, que se calara, e levantou cautelosamente a tampa de acesso aos comandos; a máquina emitiu logo um breve ronco, como se se sentisse ameaçada pela intrusão. Um sinal luminoso amarelo piscava rapidamente, ininterpretável. Devagarinho, milímetro a milímetro, Jed rodou o cursor de intensidade para a esquerda. Se as coisas corressem mal, ainda tinha o número de telefone do croata; mas estaria ele ainda a trabalhar no ramo? Não tencionava «apodrecer como canalizador», segundo confessara a Jed sem meias palavras. Logo que fizesse «o seu pé-de-meia» ambicionava voltar para a terra, para a Croácia, mais precisamente para a ilha de Hvar, e abrir lá uma empresa de aluguer de motos de água. Digam-se entre parênteses que um dos últimos assuntos de que o seu pai tivera de se ocupar antes da reforma fora um concurso para a construção de uma marina de prestígio em Stari Grad, na ilha de Hvar, que efectivamente começava a tornar-se um destino de prestígio – no ano anterior tinham passado por lá Sean Penn e Angelina Jolie; e Jed sentiu uma obscura decepção humana perante a ideia de ver aquele homem abandonar o ofício de canalizador, um artesanato nobre, para alugar uns engenhos barulhentos e estúpidos a uns cagões cheios de massa moradores da rue de la Faisanderie.

«Mas então que há por cá?», interrogava-se o portal de internet da ilha de Hvar, para depois responder nestes termos: «Terá aqui em harmonia única as planícies de alfazema, as velhas oliveiras e os vinhedos; e, assim, o visitante que queira aproximar-se da natureza começará por visitar a pequena *konoba* de Hvar (pequena taberna) em lugar de ir ao restaurante mais luxuoso, provará o verdadeiro

vinho corrente em lugar do champanhe, cantará uma velha canção popular da ilha e esquecerá a rotina quotidiana»: fora isto que provavelmente seduzira Sean Penn, e Jed imaginou a estação baixa, os Outubros ainda suaves, o antigo canalizador tranquilamente sentado diante de um *risotto* de mariscos – é claro que se compreendia uma opção destas, e até se desculpava.

Um pouco sem querer, aproximou-se de «Damien Hirst e Jeff Koons Partilhando Entre si o Mercado da Arte», instalado no seu cavalete no meio do estúdio, e de novo sentiu subir a insatisfação, agora ainda mais amarga. Deu-se conta de que tinha fome, o que não era normal: fizera uma refeição de Natal completa com o pai – entrada, queijos e sobremesa, não faltara nada – mas tinha fome e muito calor, já não conseguia respirar. Regressou à cozinha, abriu uma lata de *cannelloni* com molho e engoliu-os um a um, encarando com um olhar melancólico o seu quadro falhado. Decididamente, Koons não estava suficientemente leve, aéreo – talvez fosse preciso desenhar-lhe umas asas, como ao deus Mercúrio, pensou ele estupidamente; ali, com o seu fato às riscas e o seu sorriso de comerciante, fazia lembrar um pouco Silvio Berlusconi.

Na classificação *ArtPrice* das maiores fortunas artísticas, Koons era o número 2 mundial; ultimamente Hirst, dez anos mais novo, tinha-lhe arrebatado o lugar de número 1. Jed, por seu lado, tinha uns dez anos antes chegado ao quingentésimo octogésimo terceiro lugar – mas o décimo sétimo francês. Depois, como dizem os comentadores da Volta à França, fora «relegado para o fundo da classificação», até que desapareceu dela por completo. Acabou a lata de *cannelloni* e descobriu um resto de conhaque. Acendendo a sua barra de luzes de halogéneo na máxima potência, assestou-as no centro da tela. Vista de perto, nem

sequer a noite estava bem; não tinha aquela sumptuosidade, aquele mistério que se associa às noites da península arábica; devia ter usado azul cerúleo, e não ultramarino. Na verdade, o que estava a fazer era uma merda de um quadro. Agarrou numa espátula, furou o olho de Damien Hirst e alargou o buraco com esforço – era uma tela de fibras de linho densas, muito resistente. Segurando a tela pegajosa com uma das mãos, rasgou-a com um só golpe, desequilibrando o cavalete que se desmoronou no chão. Um pouco mais calmo, parou, observou as mãos viscosas de tinta, acabou o conhaque e depois saltou a pés juntos para cima do quadro, espezinhando-o e esfregando-o no chão que se tornava escorregadio. Acabou por perder o equilíbrio, caiu, a armação do cavalete bateu-lhe violentamente na nuca, arrotou, vomitou, e sentiu-se logo melhor. O ar fresco da noite circulava-lhe livremente pela cara, fechou os olhos de felicidade; era visível que chegara ao fim de um ciclo.



## O mais aclamado romance de Michel Houellebecq, um dos mais importantes escritores europeus deste século.

### PRÉMIO GONCOURT

Se a história deste romance nos fosse contada por Jed Martin, talvez ele começasse por falar da avaria da caldeira do seu apartamento, num dia 15 de Dezembro. Ou dos solitários Natais passados com o pai, um arquitecto famoso que sonha construir cidades fantásticas, mas ganha a vida a projectar *resorts* de férias.

Talvez não falasse do suicídio da mãe quando tinha apenas sete anos, porque são muito ténues as recordações que dela guarda. Mas mencionaria, certamente, Olga, uma lindíssima russa, que conheceu por ocasião da primeira exposição do seu trabalho fotográfico baseado nos mapas de estradas Michelin.

Apesar de indiferente à fama e à fortuna, Jed poderia mencionar o êxito estrondoso que alcançou com uma série de quadros de célebres personalidades de todos os meios, retratadas no exercício da sua profissão. Um dos retratados é Michel Houellebecq (sim, o autor), num trabalho conjunto que mudará a vida de ambos: fonte de vida para um e razão de morte para outro.

Confrontado com o homicídio de uma pessoa próxima de si, Jed não poderia deixar de incluir no seu relato como ajudou o comissário Jasselin a esclarecer esse crime hediondo, cujo cenário aterrador deixou marcas profundas nas equipas da Polícia.

Em *O mapa e o território*, romance vencedor do Prémio Goncourt, Houellebecq regressa aos temas que lhe são mais caros — a solidão —, os limites das relações amorosas, o absurdo mundo em que vivemos — para pintar um retrato subtil e mordaz da sociedade contemporânea.




«Um dos livros mais complexos, ricos e estimulantes dos últimos tempos.» *El País*, Espanha



Penguin  
Random House  
Grupo Editorial

penguinlivros.pt

  penguinlivros

 alfaguaraeditora

ISBN 9789897844485



9 789897 844485 >